

# O Presente possível do Jornalismo

Francisco José Castilhos Karam

## Resumo

O trabalho aborda a tridimensionalidade do tempo: passado, presente e futuro. Trata da estrutura do tempo e de seu reflexo no acontecimento, transformado em fato jornalístico. Aborda a noção de presente que é articulado pelo jornalismo. E como o jornalismo, ao lidar permanentemente com o presente, potencialmente alarga a dimensão do tempo vivido por indivíduos e pela sociedade, repartindo o acúmulo da experiência humana.

## Palavras\_chave

*Jornalismo, tempo, presente.*

## Abstract

This piece describes time's tridimensionality: past, present, and future. It explains time structure and its impact in the news event. It focuses on the notion of present expressed by journalism. And how journalism, while dealing permanently with the present, potentially amplifies the time dimension faced by citizens and society, sharing the human experience.

## Keywords

*Journalism, time, present.*

### O Presente possível do Jornalismo

É muito difícil conceituar o *Presente*, mas às vezes encontramos definições tão claras quanto singelas, como a do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, o *Aurelião* (1986: 1387): é o “período de maior ou menor duração, compreendido entre o passado e o futuro; o tempo atual”.

Embora seja apenas uma síntese, uma espécie de *lead* sobre o termo *presente*, há algo implícito: o tempo tem três dimensões. O presente, objeto imediato do jornalismo, situa-se em uma intermediação entre elas. De um lado, todo presente carrega um conjunto de valores, fatos, testemunhos, interpretações que são resultado do acúmulo do passado. De outro, o futuro existe como possibilidade, projeção, esperança, movimento em uma ou outra direção. Hoje, o presente de um indivíduo se soma ao presente dos demais; o presente de Beslan se soma ao de Atenas; o de Bagé ao de Ilhéus. São simultâneos os presentes e as informações sobre eles resultam em possibilidade de saberes compartilhados, polêmicas disseminadas, repartição do mundo vivido.

Para Lorenzo Gomis (1991: 14), “lo que los medios de comunicación hacen es ofrecernos el presente social. Sin ellos, el presente social resultaría pobre y encogido, sería apenas el de la familia, la vecindad más inmediata, el medio de trabajo. Gracias a los medios, vivimos en el mundo y sabemos lo que está pasando un poco en todas partes”. E acrescenta: “gracias a los medios percibimos la realidad no con la fugacidad de un instante aquí mismo, sino como un período consistente y objetivado, como algo que es posible percibir y comen-

**“...o tempo tem três dimensões. O presente, objeto imediato do jornalismo, situa-se em uma intermediação entre elas.”**

tar, como una referencia general. Son los medios los que mantienen la permanencia de una constelación de hechos que no se desvanecen al difundirlos, sino que impresionan a la audiencia, dan qué pensar, suscitan comentarios y siguen presentes en la conversación” (1991:14).

Na infinitude de produção de fatos diários, de seus resultados e conseqüências, da multiplicidade de vozes em todos os continentes e regiões *mais* ou *menos* remotas, estrutura-se algo que se costuma chamar de presente possível de ser compartilhado e conhecido, e sobre ele saber um pouco mais, repartir algo mais, escolher mais livremente, opinar com mais sabedoria e lucidez. Os fundamentos do direito social à informação decorrem da necessidade de saber sobre o cotidiano, cada vez mais interligado, e das possibilidades de acesso permitidas pelo desenvolvimento tecnológico. O século passado foi farto em documentos que atestaram tal necessidade, seja por meio de constituições, códigos de conduta profissional, códigos e manuais de empresas, jornalísticas ou não. Informação – e informação imediata – passou a ser uma espécie de “bem público”.

Mas...como conhecer e repartir o presente? Os limites são muitos e inevitáveis. O presente da Medicina, da Antropologia, da Biotecnologia, da Política parlamentar, do Comportamento ou da Dança carregam mundos que vêm do passado e se projetam ao futuro. As 24 horas do calendário diário significam milhões de fenômenos sociais, de fatos específicos, de versões conflitantes, de repartição do mundo que se movimenta. Se as áreas referidas não

disseminam o seu mundo essencial para o conjunto dos que a elas não pertencem diretamente, é defensável dizer que suas produções e seu mundo refletem-se nas demais, dada a conexão cada vez maior entre todos os campos de conhecimento e poder. Mas, ao mesmo tempo, é preciso que alguém esteja em busca deste presente imediato. É tarefa de um profissional da informação, que, apesar dos limites de dar conta da amplitude do mundo, pode oferecer um pouco da cada mundo para que mais pessoas tenham acesso ao todo produzido socialmente.

Com tal perspectiva, o profissional da informação, que recolhe dados e versões em todos os recantos do mundo e os estruturam em uma linguagem acessível e os disseminam, têm papel central na constituição das democracias e da liberdade de escolha imediata. Não é o conhecimento denso e essencial como o proposto pela indagação filosófica ou verificação científica. No entanto, como a ciência e a filosofia podem se manifestar por meio da informação imediata (é só verificar o conjunto de cientistas e filósofos que falam todos os dias por meio de diferentes mídias, de forma imediata como fontes ou como articulistas) há o *reconhecimento* de que é necessário existir *conhecimento* imediato sobre o entorno geográfico e humano e que isso serve para alguma coisa.

E imediatidade é termo colado a outro: *presente*. O ritmo humano, cada vez mais intenso, não é apenas resultado do processo de informações imediatas e planetárias, mas resultam nelas, que não podem mais voltar a ser apenas informações anuais

**“...em diferentes regiões geográficas há possibilidade de produção de fatos, versões e debates sobre fatos e versões em que pode participar não apenas quem lá vive, mas quem conhece e pode opinar ou intervir.”**

ou... mensais ou... semanais. São diárias, são de hora em hora, são a cada minuto, a cada segundo.

Assim, Norbert Elias (1989: 47) observa: “hay en el mundo seres vivos que, como los hombres, son capaces de recordar de una manera unívoca lo sucedido con anterioridad y de verlo com uma mirada espiritual, em um cuadro único, juntamente com lo que pasó después y com lo que está sucediendo ahora”.

Mesmo que Elias não trate especificamente do jornalismo, remete a um calendário de produções humanas, a uma periodicidade humana que a informação do tipo jornalística tenta, por dever de ofício e por necessidade social, acompanhar.

#### **Ritmo social, tempo e jornalismo**

O conjunto de informações produzido hoje é maior do que há 10 anos, bem maior do que há 30 anos, infinitamente maior do que há 200 anos. A circulação das informações, permitida de forma imediata pelos suportes tecnológicos cada vez mais sofisticados, além de ter volume maior, dá-se de forma mais intensa e rápida. Portanto, pode-se reiterar: em diferentes regiões geográficas, seja em Salvador ou em San Salvador, em Trento ou Nova Trento, há possibilidade de produção de fatos e versões e debates sobre fatos e versões em que pode, participar, potencialmente, não apenas quem lá vive, mas quem conhece e pode opinar ou intervir.

O ritmo social contemporâneo, não necessariamente criado pela informação, mas que nela se reflete, gera significativa variedade de campos de conhecimento de produção de saberes, possíveis de

serem acessados e compartilhados. A segmentação editorial é reflexo disso, de alguma forma: política, economia, cultura, ciência, cidades, comportamento, mundo, polícia, esportes e suas subáreas refletem uma necessidade, a de apanhar o que ocorre, dar a isso uma dimensão pública e massiva e de forma imediata, para que, no ritmo das próximas horas ou dias, comente-se e possa haver algum debate, alguma opinião, alguma direção ao todo e às partes que se reconhece.

A dimensão do tempo incorpora-se, desta forma, no ritmo de uma vida, de um grupo, de uma sociedade, resultado das urgências de resolução, intervenção, escolhas a serem feitas ou do usufruto necessário do deleite daquilo, que se vê, como serviços de lazer ou artigos/reportagens sobre filmes ou peças teatrais. Todos estes aspectos integram o presente social humano, que se articula com o passado e projeta alguma expectativa de futuro.

O presente possível do jornalismo não pode ser tão denso a ponto de substituir a sociologia, nem tão precário a ponto de ser apenas um breve relato telefônico de dois amigos sobre os acontecimentos da noite de ontem. Embora estejam presentes no presente do jornalismo, caberia a este algo mais: dar um fluxo continuado, claro, inteligível, útil, necessário e desdobrar, a cada dia e a cada momento, o andar humano, num jogo de valores reconhecidos e validados. Ou, pela controvérsia, estabelecer um outro jogo, de contraposições, conflitos, interpretações e proposições contraditórias.

Mas como articular o presente?

Para Baitello Jr. (1997: 77), o jornalismo

**“O presente do jornalismo não pode ser tão denso a ponto de substituir a sociologia, nem tão precário a ponto de ser apenas um breve relato telefônico de dois amigos.”**

“pretende transpor o complexo continuum dos acontecimentos viven-ciados, presenciados – uma linguagem que se desenvolve em múltiplas e simultâneas dimensões e direções – em um objeto temporal e espacialmente delimitado, circunscrito, vale dizer, em um texto (seja ele verbal, fotográfico, fonográfico, video-gráfico ou outro qualquer”. Para ele, “as dificuldades dessa operação paradoxal dependem, por um lado, do grau de vivência e percepção e envolvimento da contem-poraneidade como complexidade, por outro, do grau de aceitação da complexidade dinâmica dos mediadores sígnicos que operarão as traduções, as codificações. O conhecimento destes dois momentos de forças paradoxais e de sua dinâmica, por um lado expansiva, por outro, retrativa, é de importância fundamental para a compreensão da atividade jornalística como tradução” (1997: 77).

Isso nos leva ao campo das escolhas possíveis diante do presente oferecido pelo jornalismo, resultado do *continuum* social, e as possibilidades de novas escolhas, resultado da deficiência de informação sobre mundos pouco tratados, versões pouco aceitas, espaços pequenos. Reconhece-se, portanto, que o *continuum* é resultado de valores afirmados ao longo da história, reconhecimento dos conceitos, que expressam palavras e mundo concreto, legitimado também pela linguagem. *São valores*.

Em diferentes áreas de conhecimento, em variadas regiões geográficas se produzem, portanto, acontecimentos e versões sobre eles que necessitam ser conhecidos, mas também recortados, que precisam estar à disposição mas também ser reduzidas em tamanho e complexidade. Nem

tudo cabe, e o que cabe não cabe como um todo. O presente, resultado das articulações do passado, exprime uma redução da complexidade. É inevitável. Mas por ele circulam conhecimentos produzidos de forma mais densa, seja na sociologia, na filosofia, na economia, na ciência política. Mas não se trata de teses aprofundadas ou de livros densos. Trata-se, na articulação do presente, do imediato ou do antigo recomposto pela novidade importante e posto em cena imediatamente.

Surge então, como necessidade para a articulação possível do presente, a segmentação de meios de informação que tratem de mundos que, embora conectados, movem-se por meio de especificidades. A informação segmentada contribui para o conhecimento mais amplo das particularidades sociais e amplia, pelo menos como possibilidade, o presente social. E pode, sobretudo, fazer a ponte entre a especificidade de uma área com o todo social.

A segmentação editorial favorece a dimensão variada do presente, embalado pela variedade de áreas não satisfeitas, por versões não contempladas na grande mídia, por fontes ausentes de muitas pautas. Este ritmo da segmentação facilita, acompanhando o ritmo da grande mídia, que diferentes setores e áreas se enxerguem melhor, em novos projetos que articulam, imediatamente, também o presente. São os jornais sindicais, de categorias profissionais ou de empresas, de instituições públicas em âmbito municipal, estadual ou federal, de produções imediatas jornalísticas de entidades de áreas como a biotecnologia, a psicologia, a

**“A informação segmentada contribui para o conhecimento mais amplo das particularidades sociais e amplia o presente social.”**

sociologia ou o direito. São áreas que produzem o seu presente insatisfatoriamente relatado na grande mídia, mas potencialmente acessível pelas mediações de seus próprios produtos.

Tal legitimidade, além de espaço de trabalho para profissionais, alarga o cotidiano e o presente imediato de cada área, porque aumenta as opções de conhecimento e de escolhas. Quando tais áreas se conectam com o entorno social e o público para além de suas fronteiras, o presente da sociedade também se alarga, potencialmente. Nunca será, no entanto, complexo como a própria realidade, mas aproxima-se dela como resultado da variedade de fontes, de interpretações, de relatos. E tudo isso num tempo imediato e presente, de minutos ou de horas, de 24 horas que se multiplicam e incorporam nos indivíduos que acessam e podem escolher entre diferentes versões sobre o mesmo presente.

O presente é, também, aberto. E quanto mais opções e liberdade de escolha houver, simultaneamente à possibilidade de acesso, melhor para o presente, que indaga sobre o passado e pode projetar, de forma mais diversa e livre, o futuro. Parece estar na contramão do jornalismo hegemônico hoje.

Vale lembrar, agora, Lukács (1982: 404), remetendo a um presente aberto: “toda determinação tem um duplo caráter: por uma parte, tem que refletir de um modo aproximadamente correto os momentos essenciais do objeto de que trate e conceituá-los de modo mais inequívoco possível; por outra parte, se pratica entre um número infinito de propriedades,

etc. dos objetos - é uma eleição guiada não apenas pelo peso temático-objetivo de cada elemento. O tipo de eleição se determina também pela finalidade prática ou gnoseológica a cujo serviço estaja a determinação correspondente”. Ou o mesmo Lukács (1982: 405): “Tudo isso significa, em resumo, que toda determinação, sem perder sua precisão e univocidade, e até como proteção desta, tem que conter também elementos de indeterminação”.

### **Registro, memória, liberdade e informação**

O conflito determinação/indeterminação faz parte de um presente aberto. Um presente aberto faz parte de um projeto de liberdade. Liberdade de expressão, de debate e de intervenção. Liberdade de escolha. São termos essenciais à informação sobre o presente.

Tal indeterminação é dada pelo presente em relação ao futuro, mas vem do passado com seus pressupostos, a de um mundo em constante redefinição. A informação do tipo jornalística, ao recompor no presente os mundos do passado e de buscar o presente para oferecer possibilidades de escolhas imediatas, torna-se estratégica para o conhecimento imediato e para as sociedades democráticas. A constituição da memória reparável humana depende dos espaços de liberdade informativos e da amplitude de mídias e da variedade de fontes, de segmentação temática, de diversidade de propriedades, de diferenças de abordagens. Ao acúmulo já reconhecido ao jornalismo diário, soma-se a necessidade de existir diferentes projetos que reconstituam e debatam o mundo imediato, o mundo do presente.

## **“Um presente aberto faz parte de um projeto de liberdade. Liberdade de expressão, de debate e de intervenção. Liberdade de escolha.”**

Neste sentido, recorro a Karel Kosik (1985: 135): “Na memória humana o passado *se faz presente* e assim supera a transitoriedade, porque o passado mesmo é para o homem uma coisa que ele não deixa pra trás como algo desnecessário; é algo que entra no seu presente de modo constitutivo, como natureza humana que se cria e se forma”. Depois de sustentar que as formas de desenvolvimento humano vão se integrando gradativamente ao presente, Kosik observa que “o processo de integração é ao mesmo tempo crítica e avaliação do passado. O passado concentrado no presente cria a natureza humana, isto é, a ‘substância’ que inclui tanto a objetividade quanto a subjetividade, tanto as relações materiais e as forças objetivadas, quanto a faculdade de ‘ver’ o mundo e de explicá-lo por meio dos vários modos da subjetividade – cientificamente, artisticamente, filosoficamente, poeticamente, etc.” (1985: 135).

Se o mundo imediato e presente, produzido pela humanidade e refletido pelo jornalismo, não é o da essência das coisas, certamente indica o ritmo contemporâneo e permite escolhas baseadas nas diferentes áreas. Permite o alargamento do universo conceitual e prático dos indivíduos e das sociedades. Se há limites nas operações diárias de disposição das informações, se há deficiência informacional, porque não se pode tratar de tudo e nem de tudo ser informado, o presente possível do jornalismo é seu caminho mais amplo de liberdade. Implica a necessidade de segmentar as informações e de dispô-las lado a lado com os diferentes projetos editoriais, resultados de diferentes formas de concepção do mundo, de diferentes e

infinitas fontes, de sucessivas interpretações sobre os mundos de cada área e sobre o entorno do cotidiano, que, agarrado ao passado, ansia pelo futuro diferente do presente. É um projeto inacabado, sempre, mas necessário, também me parece sempre.

Parece-me que o usufruto do tempo presente é bastante importante para a constituição da liberdade, seja para o direito ao lazer ou ter acesso ao movimento da humanidade, permitindo uma autocrítica sobre o cotidiano e sobre os caminhos individuais ou em grupo. Para Vicente Romano (1998: 15), uma característica do ser humano, desenvolvida ao longo da civilização, é a tentativa de “ampliar la conciencia perceptiva del tiempo, de transcender los límites estrechos de la experiencia inmediata y prever la futura. En esta previsión de la acción futura estriba precisamente el rasgo distintivo de la libertad”.

E mais, conforme Romano (1998: 247-248): “el sentimiento subjetivo del tiempo no sólo tiene un aspecto individual, existencial, sino también otro colectivo, social, incluso histórico. Pues las personas no sólo perciben su propio biotempo, sino también el de la sociedad y de la vida pública. Lo decisivo para este aspecto del sentimiento del tiempo es la sucesión de acontecimientos y el alcance de los cambios que se efectúan”.

O conceito de presente e o acesso a ele está na base da liberdade de escolha. A informação do tipo jornalística, produzida por profissionais com base nos princípios consagrados pela necessidade e o direito a saber imediatamente, carrega o

germe da liberdade e das opções de escolha sobre o mundo imediato. A confluência do presente como tempo atual com os tempos atuais de outros indivíduos, grupos e culturas convergem para a necessidade de democracia na mídia e no jornalismo, potenciais mediadores imediatos do presente.

### Sobre o autor

*Francisco José Castilhos Karam é Jornalista e Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. É autor dos livros Jornalismo, Ética e Liberdade (1997) e A Ética Jornalística e o Interesse Público (2004), publicados pela Summus Editorial. Integra a diretoria da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).*

### Bibliografia

- BAITELLO Jr., Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- ELIAS, Norbert. **Sobre el tiempo**. Traducción de Guillermo Hirata. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LUKÁCS, Georg. **Estética 1: la peculiaridad de lo estético**. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1982. v.2.
- ROMANO, Vicente. **El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida**. Hondarribia (Guipúzcoa): Hiru, 1998.